

A AVERSÃO AO CORPO FEMININO NOS DISCURSOS CRISTÃOS: CHRISTINE DE PISAN COMO UMA DAS POUCAS VOZES DO FEMININO NO SÉCULO XV

Pablo Gatt (Doutorando – UFES)

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o estigma ao corpo feminino e a presença dessa aversão nos escritos dos Padres da Igreja dos primeiros séculos, assim como no Medievo, visto que o apogeu dessa exclusão se deu no período em questão, especialmente no século XV, momento em que viveu a filósofa Christine de Pisan. Nesse sentido, discutiremos quais foram os argumentos usados para a justificação dessa aversão ao feminino, dada a predominância masculina nos meios intelectuais e religiosos, na medida em que acarretou para a imagem da mulher uma posição de submissão ao masculino, assim como a perda de poder, representação e de voz. Ademais, refletiremos que por intermédio de Christine de Pisan essa aversão pôde ser combatida, fazendo com que a mesma ganhasse destaque, poder e voz em meio ao círculo intelectual de sua época.

Palavras-Chave: Aversão, Christine de Pisan, Padres da Igreja, Pecado Original, Feminino.

THE AVERSION TO THE FEMININE BODY IN CHRISTIAN DISCOURSES: CHRISTINE DE PISAN AS ONE OF THE FEW VOICES OF THE FEMININE IN THE XV CENTURY

Abstract

This article aims to analyze the stigma to the female body and the presence of this aversion in the writings of the Church Fathers of the first centuries, as well as in the Medieval period, since the height of this exclusion occurred in the period in question, especially in the fifteenth century, when the philosopher Christine de Pisan lived. In this sense, we will discuss the arguments used to justify this aversion to the feminine, given the predominance of the masculine in intellectual and religious circles, to the extent that it brought to the image of the woman a position of submission to the masculine, as well as the loss of power, representation and voice. Moreover, we will reflect that through Christine de Pisan this aversion could be fought, causing her to gain prominence, power and voice in the midst of the intellectual circle of her time.

Keywords: Aversion, Christine de Pisan, Church Fathers, Original Sin, Feminine.

Introdução

A forte negação à figura feminina se fez presente em diversas formações culturais da nossa história desde o início dos tempos. A queda original de Adão e Eva representou não apenas um marco, mas também um meio para justificar a condenação da mulher e de seu corpo, assim como a sua submissão perante ao homem¹. Nesse sentido, as consequências da simbologia² do Pecado Original³ foram transmitidas à toda descendência de Adão, corrompendo a natureza humana, juntamente com a entrada da morte no mundo, as dores do parto para as mulheres e a expulsão de ambos do Paraíso, como retrata Agostinho em sua obra *Cidade de Deus*, Livro XIII, Cap. III:

Mas a natureza humana ficou nele de tal forma viciada e mudada que sofre nos seus membros a desobediência e a revolta da concupiscência e se sente necessariamente ligada à morte — e assim, aquilo que se tem ou pelo crime e pelo castigo, é isso mesmo que gera, isto é: seres sujeitos ao pecado e à morte. As crianças, se do laço do pecado são libertadas pela graça de Cristo mediador, não podem sofrer senão essa morte para a alma do corpo; mas, libertados da dívida do pecado, não passam pela segunda morte que é castigo sem fim. (CD, Livro. XIII, Cap. III).

Nos escritos dos Padres da Igreja⁴, no que concerne a interpretação do texto bíblico, somente o homem, representado pela figura de Adão, seria imagem e à

¹ Para fins desse trabalho, referimo-nos aqui, sempre que citada a palavra *homem* e afins, à criatura de Deus, segundo a antropologia cristã medieval e de acordo com Jacques Le Goff em sua obra *O homem medieval*, de 1989. A palavra *indivíduo* usada para representar o homem da Idade Média, neste trabalho, refere-se ao *Homo Viator*, seguindo a “antropologia teológica” medieval. É um homem que, através das representações cristãs, dá sentido e ordem ao mundo.

² Os símbolos são acontecimentos, gestos ou atos que transmitem um significado. Influenciam no comportamento dos homens ao classificarem o mundo e introduzirem valores. Incitam de maneira afetiva as construções humanas e legitimam esses atos. Quando disputados, os símbolos são objetos que detêm o monopólio sobre algo, uma vez que justificam uma ordem social. (GEERTZ, 2008, p. 179). Interessante notar que para Michel Pastoureau (2004, p. 12), os símbolos, ou melhor, o *Symbolon*, na cultura grega é “sempre ambíguo, polivalente, proteiforme (que muda frequentemente de forma); ele não pode ser resumido em qualquer fórmula”.

³ As consequências negativas do Pecado Original de Adão e Eva são descritas no *Livro de Gênesis 3, 14-24*: logo após ambos comerem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. “À mulher, Ele declarou: multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará.” (*Gênesis 3, 16*).

⁴ Do latim *pater*, os Pais ou Padres da Igreja foram importantes teólogos da Igreja dos primeiros séculos que, a partir da segunda metade do século IV, exerceram enorme influência na formulação da doutrina cristã. São os homens que “*cunharam a vida da comunidade católica*.” (PADOVESE, 1999, p. 19), que ensinaram e permaneceram na fé. A partir do século IV, pelo decreto *De libris recipiendis et non*

semelhança de Deus, enquanto o feminino, significada por Eva, por sua vez, é o reflexo do homem em materialidade imperfeita. A história do feminino no tempo e no espaço estaria, desde então, fadada a exclusão das mulheres dos meios intelectuais, religiosos, políticos e sociais, assim como caracterizada no e pelo elemento da passividade e da submissão, na perda de toda a sua voz e, conseqüentemente, de seu poder.

Os Padres da Igreja cristã dos primeiros séculos, em sua maioria defensores dessa aversão, em seus discursos pregavam a subordinação das mulheres aos homens, como por exemplo, Agostinho de Hipona⁵, que acentuou que tudo o que provinha de Deus era bom, sendo assim, a mulher por ter sido criada por meio da costela de Adão estaria atrelada à imperfeição e não seria boa o suficiente.

Não só os padres defendiam essa exclusão. Na medicina grega podemos encontrar inúmeros tratados médicos aos quais as mulheres eram classificadas como imperfeitas e nocivas aos homens, afirmações defendidas por Galeno⁶ e Sorano⁷. Nos escritos do filósofo grego Aristóteles⁸, as mulheres eram incapazes de filosofar e seriam apenas um receptáculo para o armazenamento do esperma masculino, na sua incapacidade de reprodução, configurando-se em matéria completadas pelo gênio, ou seja, pelos homens.

Esses discursos negativos à figura feminina repercutiram no tempo e espaço, em que do mesmo modo funcionaram como *discursos constituintes*⁹, chegando ao

recipiendis, o termo se concentra em todos os representantes da tradição eclesiástica, logo em seguida aplicado aos que levaram uma vida monástica ou ascética. Por fim, a ortodoxia ou heresia de uma doutrina será avaliada por meio dos ensinamentos deixados por eles, pois inauguraram a “ciência” da teológica e forjaram a centralidade da palavra de Deus como essência da Sacra Pagina.

⁵ Agostinho de Hipona ou mais conhecido como Santo Agostinho, (357-430), foi um dos mais importantes teólogos do início da doutrina cristã, sendo canonizado pela Igreja Católica. Seus escritos influenciaram a formulação da doutrina cristã e no desenvolvimento da mesma.

⁶ Cláudio Galeno ou Élio Galeno (129 d.C – 199 d.C), fora um médico romano de origem grega. A maioria de seus experimentos eram realizados por intermédio do uso de macacos, visto que a experiência e dissecação de humano não era aceita em sua época.

⁷ Sorano viveu entre os séculos primeiro e segundo do início da nossa era. Foi um médico respeitado que atuou sobre o tema da ginecologia, aos quais seus escritos sobrevivem até hoje.

⁸ Aristóteles (384 a.C - 322 a.C), foi um filósofo grego, aluno de Platão, tido como um dos fundadores da filosofia ocidental, trabalhou com temas voltados para a retórica, o drama, a ética e a metafísica.

⁹ O *discurso constituinte* é um conceito provindo da Análise do Discurso de linha francesa. São Absolutos e transcendentais. São constituintes porque autorizam a si próprios. Regulam o surgimento

período centro-medieval por meio de uma *memória discursiva*¹⁰, em que foram usados pelos representantes da Igreja para a sustentação de seus discursos, como em Tomás de Aquino na *Summa Theologiae* de 1273, (ST, I, q. 92, a. 1), na afirmação de que a mulher está sujeita naturalmente ao homem.

Para a poetisa e filósofica, Christine de Pisan essa aversão se caracterizava na forma de uma opinião negativa, uma expressão mal cunhada a respeito das mulheres. Era um modo de se falar sobre qualquer mulher, em qualquer época, reduzindo-as a uma única categoria, conseqüentemente, eliminando-as de um certo protagonismo na história.

Para a construção do artigo nos debruçaremos sob a obra do historiador Howard Bloch, *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental* de 1995, uma vez que tal referência bibliográfica nos dará um panorama acerca da representação feminina desde o cristianismo dos primeiros séculos até os finais da Idade Média¹¹. Além de dessa percepção, Bloch (1995), analisa exemplos desses discursos de aversão, sejam eles em tratados misóginos, exemplos práticos da exclusão da figura feminina ou pela generalização ao qual fizeram perante à imagem da mulher.

de outros discursos e são hierarquizados como discursos-fonte. Os discursos constituintes mobilizam o *archéion*, do grego, *archivum*, que significa autoridade, na elaboração de uma memória (NASCIMENTO, 2020, p. 42).

¹⁰ Também provindo da Análise do Discurso de linha francesa, são os já ditos. A *memória discursiva* é trabalhada pela noção de *Interdiscurso*, um enunciado que já foi enunciado anteriormente. A memória diz respeito a recorrência de dizeres que emergem, sendo atualizada ou esquecida de acordo com o processo discursivo. Essa *memória discursiva* se dá no âmbito social, é diferente da memória individual. Pelo conceito de *memória discursiva* o Pecado Original é resgatado como símbolo. Há interdiscursos relevadores dessa alteridade discursiva localizáveis em Tomás de Aquino (ST, I-II, q. 82, a. 2), em que o pecado é concebido como um ato contrário à Deus. É a Memória discursiva que faz o discurso ter sentido.

¹¹ O período que conhecemos como Idade Média foi o tempo do advento do Cristianismo. O termo Idade Média é uma rotulação *a posteriori* ao próprio período. O conceito carrega em si um teor preconceituoso e de desprezo, fora criado no século XVI, como negação ao período e reforçado no século XVII pelo francês Charles Fresne Du Cange e pelo alemão Christoph Keller. Usamos neste trabalho como temporalidade a duração de cerca de um milênio (séc. V-XV) para toda vez que aparecer a expressão *Idade Média* ou *período medieval*, entretanto, qualquer que fosse o fim do período, aconteceria devido à Parusia do ponto de vista das representações cristãs. Para mais informações consultar a obra de Hilário Franco Junior, *Idade Média: Nascimento do Ocidente* (2001).

A negação da imagem feminina: procedência e defensores

O conceito de misoginia, utilizado para classificar o apagamento da atividade feminina em qualquer âmbito e por ter sido um termo cunhado na contemporaneidade, torna-se anacrônico quando aplicado aos temas mais variados e que possam ser pesquisados no que concerne à Idade Média. Em vista disso, em nosso artigo optamos pela utilização do termo aversão para quando nos referirmos a essa contrariedade e alteridade que existiu em relação à figura feminina nos discursos cristãos religiosos. Nesse sentido, analisaremos os teores dos escritos religiosos no apagamento da importância da figura feminina nos meios sociais, econômicos, políticos e culturais.

O discurso de negação do feminino esteve presente durante toda a Idade Média, tendo o seu ápice no século XIX, na medida em que encontramos esse viés de inferioridade nos tratados teológicos e científicos. O início dessa aversão está localizado anteriormente ao período medieval ou até mesmo ao início do cristianismo, sendo impossível datar precisamente o começo dessa pregação negativa ao corpo e a imagem da mulher, restando-nos apenas a configuração da imagem da mulher no imaginário¹² da Antiguidade e do Medievo.

Desde os Padres da Igreja, passando pela medicina grega ou romana, seitas pagãs, filosofias não cristãs e culminando na Idade Média, a figura da mulher carregou o fardo da dualidade, visto que com o Cristianismo fora estigmatizada entre a “Esposa de Cristo” e a “Porta do Diabo” (BLOCH, 1995, p. 23). A novidade trazida com a religião cristã, nos primeiros séculos de nossa era, fora que a carne se tornou sexualizada com o advento do Pecado Original, principalmente o corpo feminino. Uma vez que esse interdiscurso¹³ fora reproduzido no imaginário do medievo, a figura

¹² O conceito de *imaginário* é produtor de realidades e de hierarquizações de valores (BACCEGA, 2015, p. 284). Nessa acepção, o imaginário é um sistema que concede ordem à natureza, à sociedade e ao homem. (SCHMITT, 2014, p. 36).

¹³ O Interdiscurso é um conceito teórico metodológico cunhado pela Análise do Discurso (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 286), caracterizado pela interdiscursividade. É um conjunto de discursos que mantém uma relação de atravessamento multiforme com outros discursos no tempo e espaço.

feminina continuou a ser marginalizada e relegada à margem da sociedade, visto que esses discursos foram relidos pelos padres do período em questão e que não acreditam em uma diferenciação entre o teológico e o sexual, ou seja, a mácula do Pecado Original recaiu sobre toda a condição humana, principalmente ao corpo feminino.

A imagem do feminino esteve representada por dois caminhos distintos na história do Cristianismo. O primeiro caminho estava atrelado à salvação do homem, enquanto o outro caminho estava destinado à perdição pelos desejos da carne. Pela forte sexualização da carne, do mesmo modo em que pode ser vista como instrumento de pecado, a renúncia ao corpo passou a ser uma característica marcante dos discursos dos Padres da Igreja, dado que com o Pecado Original, e com a perda da Justiça Original, os desejos da carne não eram mais controlados pela razão superior da natureza humana, ou seja, pela alma.

Mas quando o comando da vontade retém os outros membros, sem os quais os excitados contra essa vontade pela paixão libidinosa não podem alcançar o que desejam, guarda-se a castidade e não desaparece, embora não permitido, o prazer do pecado. No Paraíso as núpcias não teriam esta oposição, esta repugnância, esta luta entre a vontade e a libido ou, pelo menos, esta deficiência da libido ao apelo da vontade, se a desobediência culpável não provocasse o castigo duma desobediência; esses membros obedeceriam, com o todos os outros, à vontade (CD, XIV, XXIII). (tradução nossa)¹⁴.

Essa associação da carne ao maligno não fora uma invenção da religião cristã. Correntes ascéticas, antes do surgimento e apogeu do Cristianismo, já afirmavam a inferioridade do corpo e o perigo da carne, como os estoicos. O que podemos afirmar é que foram os Padres a Igreja os responsáveis por disseminar e propagar essa associação, em que a figura feminina esteve ligada com a sedução e ardis da fala, persuadindo e semeando a discórdia entre os homens, simbologia que se remete ao Pecado Original de Adão e Eva. Com o Cristianismo a mulher se torna responsável

¹⁴ Ver no Original: “Sed cum alia membra retinentur voluntatis imperio, sine quibus illa, quae contra voluntatem libidine concitantur id quod appetunt implere noii possunt, pudicitia custoditur, non amissa, sed non permissa delectatione peccati. Hunc renisum, hanc repugnantiam, hanc voluntatis et libidinis rixam vel certe ad voluntatis sufficientiam libidinis indigentiam procul dubio, nisi culpabilis inoboedientia poenali inoboedientia plecteretur, in paradiso nuptiae non haberent, sed voluntati membra, ut cetera, ita cuncta servirent.” (CD, XIV, XXIII).

por promover essa desavença entre o homem e Deus, novamente, assim como retrato no ato primário de desobediência.

Jeffrey Richards em *Sexo, desvio e danação* (1993, p. 46), comenta que essa aversão ao feminino tinha como intuito a retirada da voz e poder das mulheres, como um meio de impedi-las de expressarem as suas opiniões, pois as mesmas possuem o poder de enganar com as palavras. Além da tentativa de calá-las, Richards (1993, p. 78), discute a associação da mulher com o aspecto material, visto que na filosofia aristotélica a mulher é imperfeita. Homem e mulher foram considerados em sua materialidade, porém a figura feminina fora dotada com a substância menos nobre dessa materialidade, acarretando para o sexo feminino uma desconfiança em relação ao seu corpo.

Bloch (1995, p. 54) pondera que a ordem da criação do mundo e da queda original fora refletida na ordem social dos homens, estipulando lugares e posições de fala, uma vez em que a mulher veio do homem e é secundária ao mesmo. Os discursos desses padres dos primeiros séculos baseavam-se em passagens bíblicas, como em *I Coríntios 17, 7-8*, em que temos Ambrósio¹⁵, Jerônimo¹⁶, João Crisostómo¹⁷ e Agostinho de Hipona, como alguns dos defensores dessa aversão, ao apropriarem-se em seus discursos de tais versículos, o que ocasionou para a imagem da mulher toda a carga, peso e fardo da criação e queda de nossos primeiros pais.

Inúmeros foram os defensores desses argumentos de negação do feminino anteriormente e posteriormente ao Cristianismo. Segundo Bloch (1995, p. 62), essa aversão acarretou uma imagem de inferioridade para a figura feminina. Começando por Agostinho de Hipona, um dos teólogos mais importantes do Cristianismo dos primeiros séculos, a mulher não era boa o suficiente, pois não fora feita a imagem e semelhança de Deus. Aristóteles sai em defesa de que as mulheres não são capazes

¹⁵ Ambrósio ou Ambrósio de Milão (340-394 d.C), nascido em uma família cristã, foi um dos mais importantes bispos da atual cidade, Milão, do século IV. Fora um dos Padres da Igreja Ocidental.

¹⁶ Assim como Ambrósio, Padre da Igreja Ocidental, Jerônimo fora considerado confessor e doutor pela atual Igreja Católica, Jerônimo ou Jerônimo foi um sacerdote cristão do século IV, considerado santo pelos católicos e anglicanos.

¹⁷ João Crisostómo foi um dos Padres da Igreja do Oriente, atuando como arcebispo de Constantinopla também no século IV, sendo um dos mais importantes patronos do cristianismo primitivo.

de filosofar. A seita do gnosticismo, por sua vez, pregava o fato de que o sexo era uma das piores ofensas morais ao impor uma sexualidade a carne ao corpo feminino. Por fim e muito adiante, Tomás de Aquino (ST, I, q. 92, a. 2), já no século XIII, pregava que a mulher era um homem imperfeito, discurso que encontramos em sua obra mais famosa, a *Summa Theologiae* de 1273.

Jacques Le Goff em seu livro *O imaginário medieval* (1994), em uma análise sobre os escritos do Apóstolo Paulo, conclui que o Padre da Igreja defendia a ideia de vivermos como se não tivéssemos mulheres aos nossos lados, como retratado em *I Coríntios 7,29*. A historiadora Pauline Schmitt de Pantel em *A História das mulheres na Idade Média* (1990, p. 87), nos conta que o movimento dos humanistas do século XIII, pregavam que as mulheres deveriam ser subordinadas aos homens, posto que os mesmos estariam ocupando uma posição central na vida em âmbito tanto familiar quanto do social. Ademais, esse imaginário perpetuou-se na sociedade medieval, visto que a figura feminina esteve subordinada ao pai, na ausência do pai ao irmão e posteriormente ao marido. Jamais deveria estar sozinha, pois representava um enorme perigo.

O cristianismo trouxe para o imaginário da sociedade, assim como para o âmbito familiar, social e religioso a visão de que a mulher fora a geradora e responsável por toda a concupiscência da carne, sendo fortemente associada ao material, na medida em que encontramos inúmeros relatos durante a história de mulheres sendo renegadas, seja nos discursos dos Padres da Igreja, justamente por estarem associadas ao carnal, sendo assim, ao desejo não controlado pelas virtudes superiores do corpo.

Segundo Bloch (1995, p. 163), o imaginário cristão defendia que quanto mais poderosa fosse a imagem da mulher mais temida seria a figura feminina, uma vez que para as mulheres no medievo não era aconselhado estar desacompanhados de uma figura masculina ao seu lado, como dito acima. Quando mais velhas, por consequência da viuvez, eram taxadas de bruxas ou necessitadas do acompanhamento masculino mais de perto (GINZBURG, 2012, p. 239). A mulher, quando nova, saía da casa do pai para a tutela do marido e jamais poderia estar

desacompanhada, pois representava um mal constante e eminente. De fato, o Cristianismo modificou as representações perante ao sexo até nos âmbitos mais profundos. No seio da instituição familiar, com o declínio dos clãs no século II, e na constituição do casal, a religião cristã reprimiu a prática do concubinato, proibindo o adultério, opondo-se realização do aborto, coibindo o incesto e domesticando essa aversão no âmbito familiar. O casamento fora colocado como monogâmico e indissolúvel, uma vez que o sexo apenas era permitido somente dentro da instituição do casamento, sem considerar a prática do prazer, para a reprodução e perpetuação da palavra de Deus.

Essa negação da figura feminina, embora constante e duradoura, não se fez dominante no início do Cristianismo. Mesmo que rara, encontramos inúmeros exemplos de aceitação e exaltação de determinadas mulheres na história. Gregório de Nazianzeno¹⁸ eleva sua irmã Gorgônia ao status de heroína na luta pela salvação de sua alma. Cipriano¹⁹, por sua vez, afama uma mulher chamada Bona por não cair nas tentações mesmo em matrimônio. Por fim, Jerônimo elogia a figura de Marcela por seu entendimento filosófico (BLOCH, 1995, p. 64).

Mesmo que fossem raras essas exaltações nos deparamos com a predominância de um imaginário cristã em sua negatividade ao corpo feminino, do mesmo modo a tradição cristã transmitiu, essa assimilação da mulher com Eva, até os discursos da cultura medieval, uma vez a região em que floresceu o Cristianismo criou mecanismos propícios à essa negação, localidade próxima ao Mediterrâneo.

De fato, dada a multiplicidade de possibilidades, praticamente tudo o que podemos dizer com certeza é que a região do mediterrânea dos primeiros séculos da era cristã oferecia um meio fértil para o que definimos como uma feminização da carne, uma estetização do feminino, e uma teologização da estética. [...] Há alimento para a misoginia na mitologia grega e nos apócrifos. E a tentativa de combater a heresia, e especial o papel das mulheres nos movimentos heréticos, se torna praticamente sinônima de uma reação contra o feminino. (BLOCH, 1995, p. 98)

¹⁸ Fora um dos padres capadócius da Igreja Primitiva, assim como teológico, místico escrito cristão.

¹⁹ Padre Latino, Tásccio Cecílio Cipriano ou Ciprinao, é considerado como um dos padres da Igreja Latina.

Peter Brown em *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo* (1990), esclarece que a sexualidade era o elo em comum entre todos os indivíduos, sendo assim, a renúncia da carne fez do Cristianismo uma religião universal. Ainda no contexto de negação da figura feminina, com o surgimento da família nuclear no Império Romano, o direito materno fora derrubado, passando a guarda da mulher antes pertencente à família para a tutela da Igreja.

Assim como nenhuma postura é inocente ao se praticar o ato da escrita, nenhum misógino é inocente ao escrever. Todas as produções que contém elementos de aversão à figura feminina, sejam elas anteriormente ou durante a Idade Média, nos remetem ao forte fardo que carregou a imagem da mulher durante toda a história do mundo cristão. Desde os primeiros séculos do Cristianismo nos deparamos com a estetização dos sexos, dos corpos e a negação cada vez mais cruel em relação a vertente feminina. O embelezamento do corpo muita das vezes fora remetido ao Pecado Original de Adão e Eva, seja pelos Padres da Igreja, filósofos gregos, romanos e medievais, que rejeitaram qualquer ornamento usados pelas mulheres.

Sendo assim e impossibilitados de datar precisamente o início dessa dualidade presente nos imaginários ascéticos e cristãos, a mulher esteve situada entre o prazer e a carne, entre a salvação e a danação, entre a família e o marido. Esses arranjos e ordenações quanto à figura feminina são resultados de assimilações realizadas por trocas culturais entre o Cristianismo dos primeiros séculos com o Judaísmo, com as correntes ascéticas que pregavam a contingência da carne e com determinadas seitas pagãs.

CHRISTINE DE PISAN E O DESTAQUE À FIGURA FEMININA NO SÉCULO XIV

A moderna estetização do feminino tem como corolário uma superabundância de clichês suplementares sobre mulher e criatividade. O primeiro destes é o *topos* da raridade e inferioridade de mulheres artistas, compositoras e escritoras sérias no pensamento tradicional do Ocidente. “As mulheres não estiveram ausentes nem do campo da pintura nem das letras”, escreve Paul Valéry, “mas, na ordem das artes mais abstratas elas não se sobressaíram. Digo que uma arte é mais abstrata do que outra quando requer mais

imperativamente do que aquela outra a invenção de formas completamente ideais, ou seja, formas que não são emprestadas do mundo do sentido (...) quando mais abstrata é uma arte, menos melhores haverá que tenham criado renome naquela arte.” Segundo a associação da mulher com a estética sustenta a opinião largamente difundida de que, quando as mulheres se dedicam de fato às artes, sua dedicação deve de algum modo ser levada menos a sério. (BLOCH, 1995, p. 76-77)

Como fuga ao imaginário de que as mulheres não possuíam voz própria, Christine de Pisan surge no cerco intelectual, medieval e italiano como uma poetisa e filósofa. Em um ambiente hostil à figura feminina, assim como fora durante toda a época cristã, Pisan conseguiu destaque e teve a chance, entre poucas, de se sobressair ao meio intelectual predominantemente masculino de sua época.

Vivendo na França, entre os séculos XIV e XV, a poetisa é considerada atualmente a primeira mulher francesa a conseguir a viver com os resultados de seu trabalho. Em meio ao seu estado de viuvez, com apenas 24 anos, juntamente aos cuidados que exigia sua mãe, com as dívidas contraídas pelo marido e as despesas geradas pela casa e pelos filhos, Pisan retirava todo o sustento necessário para sua família de suas produções artísticas e filosóficas. É uma história que vai na contramão, pois estava situada à um meio exclusivamente opressor à presença feminina, em que fora do domínio do lar Pisan conseguiu obter o merecido reconhecimento por seu trabalho.

Por ser filha do físico e astrólogo da corte de Carlos V, Christine de Pisan cresceu em um ambiente favorável ao desenvolvimento de seus estudos, dado que chegou a aprender várias línguas e a ter contatos com inúmeras obras de escritores humanistas. Autora de livros como *Book of the City of Ladies* (1402) e *The Treasure of the City of Ladies* (1405), todos livros publicados na primeira metade do século XV, Christine de Pisan relata que em todas as obras que leu, as quais teve contato, haviam resquícios de uma certa aversão ao feminino, visto que a cada leitura a figura feminina era cada vez mais inferiorizada. Essa negação encontrada por Pisan estava presente em escritos apócrifos, nos tratados teológicos, nas cartas ou sermões eclesiásticos, nos conhecimentos ginecológicos, filosóficos e biológicos, posto que essa aversão às

mulheres funcionou como uma negação diretamente ao direito de fala das mesmas (BLOCH, 1995, p. 149).

Em *Book of the City of Ladies* (1402), a poetisa italiana sai em defesa de que a educação é a chave para a transformação, para a emancipação e autonomia feminina, encorajando cada vez mais as mulheres a resistirem a todo os tipos de repressões, a sempre lutarem pela igualdade dos sexos e a examinarem cada vez mais as suas vidas. Seus escritos tinham como intuito mostrar as mulheres que suas ações são válidas e necessárias para o funcionamento da sociedade.

Em sua obra intitulada de *Book of the City of Ladies* ou *Livre de la Cité des Dames* de 1402, seu segundo livro extenso de prosa, porém o mais famoso de sua carreira, Christine de Pisan nos mostra que a todo o momento as mulheres eram retratadas de modo pejorativo sem nenhum motivo justificável. Howard Bloch comenta que essa hostilidade a presença do feminino nos meios intelectuais era constante.

Para Lombroso a afinidade da mulher com o detalhe e a sua suposta inabilidade para filosofar são funções de um desenvolvimento evolutivo interrompido: “Encontra-se outra prova da inferioridade da mente feminina em seu poder inferior de abstração, e em seu grande preciosismo. A inteligência da mulher é vista como deficiente no que concerne à forma mais alta de evolução mental, a faculdade de síntese e de abstração; em contraste, ela se distingue pela sutileza de análise e na percepção clara dos detalhes.” Quanto mais se impele uma mulher a abstração, afirma, mais propensa à neurose ela se torna. A suposição de que a mulher é menos inclinada naturalmente à filosofia também implica que ela está menos adaptada para escrever. (BLOCH, 1995, p. 37)

Essa aversão ou representação negativa sobre a figura do feminino englobou todos os vieses da sociedade medieval, visto que a mulher era considerada herdeira direta de Eva e responsável por todo o fardo que carregam os descendentes de Adão. Em contrapartida, encontramos entre os séculos XIV e XV, Christine de Pisan como a primeira mulher na preexistente tentativa de impedir a progressão discursiva e negativa perante à figura feminina, avanço que cercou todos os meios sociais e principalmente religioso. Sua principal batalha travou-se contra a segunda parte da obra *Roman de la Rose* de 1275 do poeta francês e medieval, Jean de Meung, em

que consta de uma visão totalmente negativa acerca da mulher. O poeta faz com que as mulheres sejam enquadradas como sedutoras, perversas e loucas. A contra resposta dada por Pisan à Meung consagra à poetisa no adorno da intelectualidade, título que carrega até hoje sendo a primeira poetisa medieval.

A defesa por Christine de Pisan e a luta no freamento de propagação do ideal feminino esperado pelo discurso religioso eclodiu como uma bomba em meio aos seus colegas intelectuais e na esfera religiosa, uma vez que em plenos séculos XIV e XV, os cercos acadêmicos e religiosos eram predominantemente masculinos.

A atitude cristã simultaneamente bivalente torna o feminino tão abstrato que a mulher (não as mulheres) só pode ser concebida como uma ideia e não um ser humano. Ela polariza a definição do feminino a tal ponto que as mulheres são empurradas para as margens, excluídas do meio, em outras palavras, afastadas da história. (BLOCH, 1995, p. 113)

Não abstrata, não silenciada, não excluída e não submissa, Christine de Pisan fora uma das poucas mulheres medievais a se destacar de forma positiva. Recebeu reconhecimento ao escrever suas obras e ao agradar alguns nobres da sociedade de seu período. Entretanto, ao pensar-se que a poetisa italiana iniciou sua carreira devido as dívidas contraídas pelo seu marido e em decorrência da morte do mesmo, poderíamos pensar que se a situação financeira de sua família fosse outra, talvez, Pisan não teria iniciado sua carreira no meio intelectual ou escrito alguma obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ter sido criada da costela de Adão e não a imagem e à semelhança de Deus, a figura feminina durante toda a história cristã fora empurrada para a margem da sociedade, sendo excluída e afastada do centro cultural e social ao ser colocada apenas em funcionalidade do âmbito familiar. Raramente encontramos destaques femininos na história do Cristianismo e anteriormente a época moderna, qualificando que o domínio cristão, de certo modo avesso a presença do feminino, esteve embutido de um caráter negação perante ao corpo da mulher. Nessa acepção, nesses discursos

religiosos o feminino esteve constantemente situado entre a representação da “Esposa de Cristo” e “Porta do Diabo”.

Sendo essa aversão uma imagem negativa acerca da função social da mulher, as mesmas por serem idealizadas em uma passividade não resolvida acabavam por ser enquadradas em uma única categoria, categoria essa destinada ao ambiente familiar. Temos como maior exemplo, proveniente de uma voz feminina, dessa contestação ao discurso religioso medieval, Christine de Pisan, que teceu críticas à imagem que era esperada como ideal para as mulheres. Nos escritos da poetisa e artista italiana podemos compreender as duras críticas aos discursos religioso e cultural de seu tempo. Esses discursos classificavam as mulheres como faltosas, escandalosas, fracas, inadequadas, vulneráveis e culpadas. Do mesmo modo, Pisan desacredita na lógica de que as mulheres eram incapazes de filosofar e de escrever, funcionando como um exemplo a esse fundamento.

Enquadradas na dualidade e oscilação entre poderosa e temida, velha e bruxa, corpo e materialidade, a feminilidade desde os Padres da Igreja fora rebaixada ao classificarem as mulheres como herdeiras diretas de Eva, juntamente com os desfavoráveis discursos acerca do corpo feminino, ao acarretar para a imagem do feminino uma certa negatividade.

Nesse sentido, entendemos que a aversão às mulheres fora propagada mediante a desfiguração do feminino por imagens pérfidas, em que os discursos religiosos, baseados por passagens bíblicas como *1 Timóteo 2,11*, ou no próprio *Gênesis*, no mito da criação, que contribuíram para essa justificação. Nessas passagens a mulher é uma derivação imperfeita do homem e não imagem e semelhança de Deus. Essa negação fez com que o feminino perdesse o direito materno sobre o lar, proibindo as mulheres de terem direito a educação, cargos e profissões. Essa contestação atuou massivamente na repressão do direito de fala e de poder das mulheres, sejam elas localizadas na Antiguidade Tardia ou na própria Idade Média.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

AGOSTINHO DE HIPONA. *Cidade de Deus*. Tradução B. Dombart e A. Kalb. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1994.

Book of the City of Ladies, 1402.

The Treasure of the City of Ladies, 1405.

TOMÁS DE AQUINO. *Summa Theologiae*. 2º ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

Roman de la Rose, 1275.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS IMPRESSAS

BACCEGA, Marcus. *O sacramento do Santo Graal: Decifrando o imaginário medieval*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Ed, 1995.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2016.

FRANCO JÚNIOR, Hilário: *A Idade Média: nascimento do ocidente*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

GEERTZ, Clifford. *The interpretation of culture*. Nova York: Basic Books, 1973. (Trad., português: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.)

GINZBURG, Carlo. *História Noturna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LE GOFF, Jacques. *O homem medieval*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1989.

LE GOFF, Jacques: *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. “O discurso teológico como discurso constituinte.” IN: NASCIMENTO, Jarbas Vargas; FERREIRA, Anderson. *Discursos Constituintes*. São Paulo: Blucher Open Access, p. 34-59, 2020.

PANTEL, Pauline Schmitt. *História das mulheres no ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990. 5v.

PADOVESE, Luigi. *Introdução à teologia patrística*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PASTOUREAU, Michel. *Une histoire Symbolique du Moyen Âge Occidental*. Éditions du Seuil, Paris, 2004.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo, os ritos, os sonhos o tempo: ensaios de antropologia medieval*. Petrópolis: Vozes, 2014.